



OBRA DE RAPAZES, PARA RAPAZES, PELOS RAPAZES

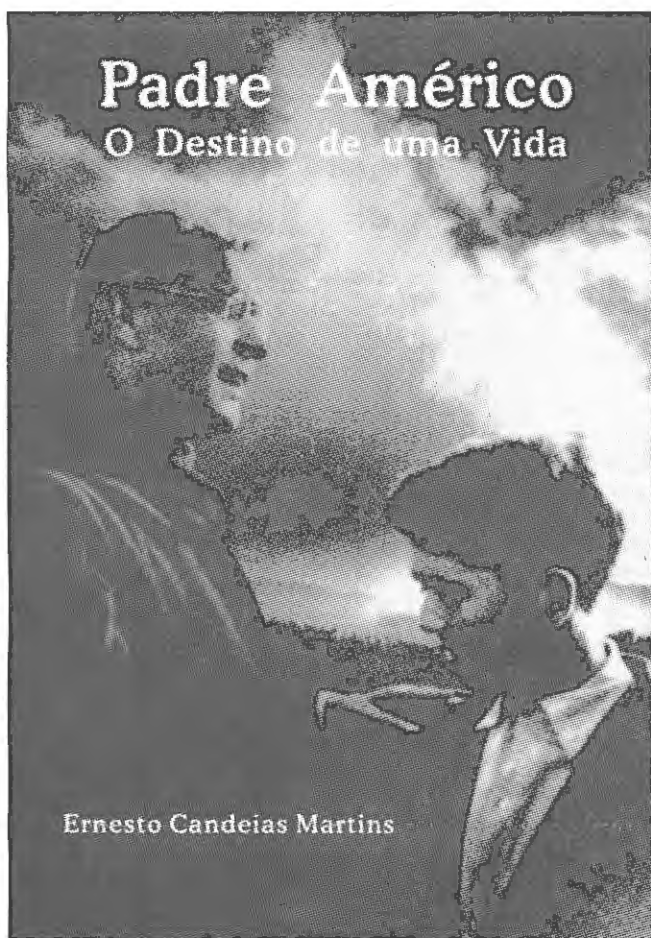
Quinzenário — Autorizado pelos CTT a circular em invólucro fechado de plástico — Envoi fermé autorisé par les PTT portugais — Autorização N.º 190 DE 129495 RCN

7 de Fevereiro de 2004 • Ano LX • N.º 1563

Preço: € 0,30 (IVA incluído)

Propriedade da OBRA DA RUA ou OBRA DO PADRE AMÉRICO

Fundador: Padre Américo • Director: Padre Acílio • Chefe de Redacção: Júlio Mendes C. P. N.º 7913
Redacção, Administração, Oficinas Gráficas: Casa do Gaiato — 4560-373 Paço de Sousa
Tel. 255752285 - Fax 255753799 — Cont. 500788898 — Reg. D. G. C. S. 100398 — Depósito Legal 1239



Ernesto Candeias Martins

Novo livro

PADRE Américo — destino de uma vida — é o novo livro sobre o Fundador da Obra da Rua. O seu autor, Prof. Dr. Ernesto Candeias investigou cientificamente toda a história desta Providencial Vida, e põe-a diante dos vossos olhos, com clareza, verdade e simplicidade num estilo aberto e muito acessível.

Mestre em Educação na área do desenvolvimento pessoal e social, é Doutor em Teoria e História da Educação, pertence a várias Associações e Sociedades de Ciências de Educação nacionais e internacionais e é docente na Escola Superior de Educação de Castelo Branco.

O livro não é nosso. Isto é, não pertence à Editorial da Casa do Gaiato, mas é escrito muito ao nosso jeito.

Não podemos, como aquilo que é propriedade da Obra da Rua, deixar o seu preço à consciência do Leitor. Não podemos, que a edição é da Alma Azul e tem custo marcado. Recebê-lo-ás, se o pedires, por 21 euros com portes do correio incluídos.

Com apresentação agradável, o livro divide-se em oito capítulos e é um verdadeiro estudo histórico-científico da vida, vocação e Obra de Pai Américo.

Relembrar a infância, a adolescência, a juventude e a maturidade desta vida, relatadas com tanta exactidão, fornece a cada pessoa que nela mergulha, uma frescura de valores e um alvor de sabedoria admiráveis.

Acompanhar o comentário reflexo do Mestre de Educação nos caminhos providencialmente dispostos por Deus ao Padre Américo e ver, em todos os difíceis passos, a determinação firme da fidelidade total à sua Fé e ao chamamento do Senhor é enorme conforto e grande animação espirituais.

Observar a forma sábia e segura como este «educador social» — assim chama ao Padre Américo o

Continua na página 4

ENCONTROS EM LISBOA

Análise reflexiva

AO fazermos uma análise reflexiva sobre o que foi um mês numa Casa do Gaiato, podemos olhar em muitas direcções. Desde há muito que anda dentro de mim uma inquietação: Os pedidos recebidos para acolhimento e as muitas respostas negativas. Quase ao findar o primeiro mês do Ano Novo decidi pegar nestas inquietações, constituindo o resultado final um quase diário inquieto e perturbador, pelo menos cheio de muitas e variadas interrogações. Vamos ver o que sucedeu:

Dia 6 — Pedido formulado por uma Comissão de Protecção de Crianças e Jovens — Jovem de 14 anos, já refenciado há largo tempo. Andou da mãe para o pai e vice-versa. Acabou num Centro de Acolhimento Temporário e agora, nem pai nem mãe o desejam ou podem ter. Resposta: Não é possível por falta de vaga. Poderíamos acrescentar: a idade deixou de aconselhar a nossa Casa.

Dia 12 — Vem dos arredores, de uma Comissão de Protecção de Crianças e Jovens — Dois irmãos, um de 12 e outro de 11 anos. Frequentam o 2.º ano de escolaridade — Graves problemas de escolaridade a

que se associam problemas comportamentais. Ao fim de três anos de abordagens pluridisciplinares, o insucesso. Só numa instituição. Resposta: Não é possível por falta de vaga.

Dia 13 — Santa Casa pede telefonicamente para dois irmãos em Centro de Acolhimento Temporário, um de 11 anos e outro de 5 anos. Muito tempo a trabalhar a família, tendo-se tudo

mostrado infrutífero... Podemos mandar relatório? Não vale a pena. Resposta: Não há vaga.

Dia 13 — Mais uma Comissão de Protecção de Crianças e Jovens. Mais dois irmãos de 14 e 8 anos. Foi experimentado tudo e nada resultou. Mandar relatório para quê? Resposta: Não há vaga.

Dia 13 — Avó aflita e preocupada com o seu neti-

nho de 10 anos que foge da Escola e anda por lá de noite e de dia, não bastava acontecer isso aos pais... Expliquei-lhe que o Estado tinha nacionalizado as crianças em risco e que só podia agir através das Comissões de Protecção ou dos Tribunais de Menores... Disse-me que as Senhoras da Segurança conheciam bem o caso, mas que não tinham para onde o mandar; que procurasse ela... Resposta: Não posso dar a mão a esta avó sofrida da vida. Tenho quase vergonha de dizer que nem com o seu nome e morada fiquei.

Continua na página 4

A Opinião Pública

EIS um poder que vem da cidadania assumida e praticada pela generalidade do Povo e lhe confere estatuto de «parceiro social». Não porque tenha assento de consultor nas instâncias dos outros poderes... Mas porque tem um papel crítico, eficientemente crítico, que se faz sentir e modera muitos desvarios em que a autoridade à solta facilmente cai.

Há países onde, pela índole dos seus habitantes, mas também por uma educação cívica com tradição, esta força é uma realidade. Neles, talvez, nunca se tenha dito, revolucionariamente, que «o Povo é quem mais ordena»... Mas certamente se procura que o Estado diminua para que o Povo cresça. E a fim deste desiderato, prepara-se o Povo para ser cada vez mais competente e participativo — um bom ordenador.

A Opinião Pública não tem coloração nem filiação política. Brota de uma pro-

funda reserva de Senso Comum de que é depositário o Povo. Não são as ideias avulsas de um punhado de transeuntes que os jornalistas interrogam sobre factos ou problemas na ordem do dia, que a exprimem. Ela é uma sabedoria acumulada em que a experiência e a reflexão têm papéis determinantes. A cultura de um Povo mede-se por estes parâmetros. E é tão mais autêntica quanto, deste pôr e sobrepor de experiência e reflexão ao longo das gerações, ela própria for adquirindo um poder explosivo que a faça aparecer em momentos críticos com o automatismo de um detonador de incêndios. Difícil esta capacidade de reacção em povos sem educação cívica séria, vinda de longe e pronta a caminhar. Será que a curva da Educação (não me cinjo à área das Escolas) se está desenhando em período ascendente? A Educação faz-se a partir de valores e no

Continua na página 3

TRIBUNA DE COIMBRA

Visitantes

ONTEM, Domingo, o dia amanheceu chuvoso e frio. Era dia de festa em Miranda do Corvo, a festa anual de S. Sebastião. Estava previsto irmos à festa também, se não chovesse. Celebrámos em nossa Casa, como é costume. Por volta das 11.30 h. chegou um grupo de visitantes, de Oliveira de Azeméis. Era um grupo de crianças, seus pais e catequistas. À frente o Pároco. Depois do acolhimento que lhes prestámos, uma das

catequistas leu uma mensagem dirigida aos nossos mais pequeninos explicando que tudo começara no Advento e que terminara com a partilha do Natal. Das renúncias e partilha, um cheque de 350 euros e um saco de guloseimas que chegou para pequenos e grandes. Depois visitaram a Casa em pequenos grupos e cada grupo com um rapaz nosso a explicar, como é costume também, com simplicidade e pormenor cada coisa e a utilidade de cada

espaço. Observo ao longe e vejo que as pessoas seguem com atenção a descrição feita pelo rapaz e o que as surpreende mais são os «possessivos» usados: «a nossa Casa, a nossa quinta, os nossos quartos, os nossos animais, a nossa sala e a nossa Capela»... etc. Os rapazes estão naquilo que justamente lhes pertence. Ninguém se lembraria de lhes ensinar isso. Eles aprendem-no com a intuição. É natural que estando no que é seu, espontaneamente eles o apresentem como tal. É misterioso, é muito belo. É uma experiência que assenta numa matriz sócio-educativa de cariz familiar e de participação co-responsável. É isto mesmo a Casa do Gaiato,

explico eu aos visitantes curiosos.

Pouco tempo depois aparece um casal de Figueiró dos Vinhos com uma filha adolescente. Pessoa amiga que nos conhece aconselhará a que viesse, que haveria de gostar de ver e que faria muito bem à sua adolescente «prendada». O «Vitinho», nosso desde os três anos e agora a caminho dos quinze, foi o cicerone. Também aqui profusamente usado o pronome «nosso» impressionou os visitantes e, de olhos poisados nas coisas e nos espaços, maravilhados, saltava a pergunta «e tu gostas de cá estar?», a que o rapaz respondeu: «Esta é a nossa casa, minha e dos meus três irmãos». O

Continua na página 3

Pelas CASAS DO GAIATO

Conferência de Paço de Sousa

BARREDO — Vale a pena recordar factos curiosos de Pai Américo como Padre da Rua, publicados n' O GAIATO e posteriormente editados em obras da nossa Editorial.

Aí vai uma nota sobre o Barredo, aonde normalmente não ia sozinho. Presenças que deram muita doutrina.

Ouçamos: «Desejo desde já informar os meus leitores que neste lugar a palavra Barredo significa a cintura de casebres que se estende à beira-rio desde os arcos de Miragaia ao monte do Seminário (Porto). É o esgoto da cidade.

Eu tinha ido na companhia de um rapaz do Lar do Porto. Batemos de mansinho e entramos numa porta que diz para a rua; é uma loja. O rapaz tapou o nariz e daí a um minuto já não estava ao pé de mim: 'Não posso mais!' E saiu imediatamente para a rua. Por este pequenino e terrível episódio pode cada um julgar da nossa desumanidade!

Eu deixei-me ficar. Ando afeito. Estou salgado. Tenho visto muito pior. Por isso mesmo tudo quanto se diz de civilização e progresso, aborrece e faz-me virar a cara.

Ela estava deitada numa enxerga. Quer-se levantar, mas não pode. É a tosse... Duma alcova interior surge o marido. É trabalhador do rio; nem sempre trabalha; a água tem marés. Três filhos daquele casal andam por lá. Não admira. O rapaz que foi comigo não pode estar um minuto dentro daquela casa. Nós somos tão desumanos! Somos tão cruéis! Não amamos o nosso semelhante e dizemos que sim à boca cheia!

A volta prossegue. O dia era para a romaria. Mais um casebre; era uma 'ilha'. O mesmo clima. As mesmas vistas. Igual vida. Em uma casa estava deitado na cama um rapaz de dezassete. Daí a nada entra a mãe e informa que os outros filhos tinham ido à Carvalhosa e este, por não ter forças, ficou deitado na cama. Em outros sítios tinha ouvido dizer Cedofeita. Agora oiço Carvalhosa e venho a saber que se trata da mesma coisa: é um Dispensário aonde multidões vão ao engano. Eles estão de pé para que se não diga que nós não fazemos caso dos doentes pulmonares, mas toda a gente sabe que não havendo casa nem pão, os remédios perdem a força de curar; e os que vão ao Dispensário não têm casa nem pão. Nós todos sabemos isto, para maior culpa, para maior castigo.

Os vizinhos daquelas regiões conhecem-se. Fazem uns aos outros pequenos favores. Amam-se. Há um que vem ter comigo a dizer que o outro precisa mais do que ele e pede-me que lhe dê uma esmola! Dir-se-á que o mal da inveja que tanto nos ataca, tem medo de penetrar naqueles sítios.

Agora é um espectáculo novo. Na laje estreme da rua, encostada à parede, está uma mulher ainda nova com estigmas de muito sofrer: cancro. Gostaria de falar com ela, mas ali não era sítio. Soube que mora numa pequenina alcova e quando for ocasião hei-de vir a este mirante dar notícias desta nossa irmã, que vem para a rua curtir uma doença até hoje incurável. Esta ignorância das coisas mais necessárias à vida deveria ser suficiente para causar humilhação aos senhores cientistas e fazer deles criaturas humildes.»

PARTILHA — Vinte euros, da assinante 24851, de Oeiras: «Sou idosa. Sou viúva. Tenho saúde. Nada me falta. Que Deus me perdoe» e lembra uma viúva aqui falada recentemente que, dissemos, é cliente assídua da botica.

Uma visitante, de nossa Casa, anónima. Deixa ficar «um edredon de um doente acamado. Esta peça foi lavada, a mancha que tem é de ferrugem». Delicadeza que indica uma alma nobre!

Um cheque, de 88 euros, celebrando os «oitenta anos de uma pessoa de família que me resta. Uma tia que me acompanhou ao longo da vida». E continua: «De saúde muito débil, já há muitos anos, mas cheia de genica e força de vontade, sempre lutando e fazendo pela vida, até que, há oito anos, um acidente vascular cerebral a deixou quase totalmente inválida. De então para cá, outros se sucederam que a iam deixando sempre pior. Surpreendentemente lá ia resistindo. Tenho cuidado dela todo este tempo e, apesar das suas limitações, prezo muito a sua vida, pois é a minha companheira. Pensei que a melhor maneira de agradecer a Deus tê-la conservado todo este tempo, seria ajudar a pagar as despesas da farmácia de um idoso».

Assinante 65318, de Prazins (Santo Tirso), cem euros, «para as necessidades da vossa Conferência do Santíssimo Nome de Jesus que tantas dores suaviza».

A assinante 136 (das primeiras!), residente em Chaves, manda um cheque de 20 euros. «Peço o que sobrar seja entregue à Conferência do Santíssimo Nome de Jesus».

Do Porto, «para as necessidades mais urgentes daqueles que socorrem, envio esta insignificante lembrança de cem euros, pedindo a Deus que vos dê força e coragem para continuarem tão altruísta acção». Presença da assinante 60658.

Lisboa: «Contribuição de duzentos euros, da assinante 22066. Gostaria que fosse aplicada para ajudar alguém,

senhora idosa e só, abandonada da família. A solidão é um dos maiores males dos nossos dias e julgo também a mim me tocava 'no final da estrada'».

Coimbra: «Pequena quantia de 25 euros para juntar a outras tantas para a ajuda mais urgente. Peço desculpa de ser pouco, mas, digamos, 'muitos poucos fazem muito'».

Trinta euros «para os Pobres da vossa Conferência mais necessitados e, em geral, mais envergonhados, por diversas intenções minhas» — assinante 42971, de Ovar.

Remanescente de 50 euros para O GAIATO que o assinante 8296, da Capital, destina «a idosos doentes».

Assinante 46577, de Águeda, presente com 30 euros «para ajuda daquilo que mais necessitarem. Sou Leitora assídua d' O GAIATO, que tem sempre muito a ensinar».

Cheque de 470 euros, remessa habitual da Assinante 31104, de Lisboa. «Ainda há dias ouvi falar de Pai Américo e fiquei emocionada» — disse.

Em nome dos Pobres, muito obrigado.

Júlio Mendes

PAÇO DE SOUSA

AULAS — Já lá vai um mês que começaram e os testes vão chegando. Cuidado, para tirem boas notas!

EXCURSÕES — Têm vindo muito poucas. Porquê? Não sabemos. Mas venham para jogar futebol e para verem o que é uma Casa do Gaiato.

SEBES — Estão cada vez mais vivas com a ajuda do Neca. As sebes e as árvores estão arranjadas.

Rolando Filipe

DESPORTO — Os Iniciados realizaram, no passado Domingo de tarde, aquele que foi considerado por todos o jogo do ano. Um verdadeiro «derby»: Casa do Gaiato — Associação Recreativa de Cete. Um jogo em que os visitantes, mesmo tendo sofrido o primeiro golo do encontro, chegaram a estar a ganhar por 1-2. No entanto, foi sol de pouca dura. A rivalidade é muita, e como tal, os briosos rapazes desta Casa, não se deixaram intimidar pelo resultado, muito menos pela elevada estatura de alguns atletas adversários. Lutou-se e jogou-se muito. Jogo duro e viril, mas correcto de parte a parte.

Foi uma excelente tarde desportiva, não tendo faltado o calor humano e o futebol de qualidade. A equipa da Casa, foi superior, pressionando do primeiro ao último minuto; conseguindo, portanto, superar tudo e todos. No final do encontro a vitória assentou que nem uma luva, à equipa visitada, com golos de «Carlos

Pote» (2) — cuidado... dois golões!; «Bolinhas» (1); Abílio (1); Licínio (1) e Rolando (1) contra os dois do adversário. Mais uma vez, não tenho coragem de destacar quem quer que seja, pelo facto de todos funcionarem num só bloco.

Esperamos muito em breve, efectuar o jogo da 2.ª mão em casa deles. Que ganhe o melhor, e que sejamos novamente nós, mas pelo menos, que tudo corra, em termos disciplinares, como correu em nossa Casa.

Os Sêniores estiveram duas semanas de folga, e também receberam agora o C.R.C. de Vandoma. Apesar de não terem estado mal na primeira parte, o adversário foi melhor do que nós, não só pelos golos que marcou, mas pela maneira como trocavam entre si a redondinha. No entanto, nos últimos 45 minutos, e com algumas mexidas no «onze», tudo foi diferente. «Tainha» trabalhou muito, mas não concretizou. Rogério, que entrou na segunda parte, esteve bem, mas podia ter feito melhor, sobretudo na grande penalidade que falhou. Mesmo assim, jogou-se o suficiente para se ganhar com golos de «Bolinhas» (1); Agostinho (1) e Rogério (1). Uma vitória merecida por todos, sobretudo pela frieza e espírito de sacrifício do treinador, que não pode contar com alguns titulares e que mesmo assim, não baixou os braços: arriscou e ganhou!

No final do encontro, como prémio de vitória, tiveram a visita de uma caravana automóvel com 46 «Morris-minis», que mais uma vez, os seus condutores fizeram questão de saborear a bonita paisagem da nossa Aldeia, agora, limpa como a água que corre na bica!...

Alberto («Resende»)



Adelaide e Pedro Diogo, filho e nora do Zézinho da Murtosa.

SETÚBAL

PISTA — A Secil ofereceu-nos o betão para a fazermos. O Garcia, o Fernandinho e o João Correia andaram a espalhar o betão com a ajuda dos camiões da Secil que o transportaram. Ficou bem feita e bonita. Vai servir para o camião do leite passar, para o recolher da nossa vacaria e para os rapazes andarem de patins, de bicicleta e de trotinete.

CADELA — Há algumas semanas apareceu cá em Casa uma a que alguns rapazes deram o nome de «Bebé». Logo depois fomos pedir ordem ao nosso Padre Júlio para deixar cá ficar a cadela. Agora ela está muito contente com a sua nova casa, e os rapazes gostam muito dela. O «Andlé» já teve que se zangar com ela porque ela tentou apanhar galinhas.

EXTINTORES — O sr. Machado veio cá instalar extintores e teve a ajuda do «Lota» e do «Drácula». Começou pela cozinha e pelo refeitório, passando pelas casas, escritórios, escola, vacaria e outras dependências. Esperamos que os rapazes não se ponham a brincar com eles, porque aquilo é coisa séria.

VIDEIRAS — O ti Zé e o «Monchique» andaram a preparar a terra para as plantar. Depois meteram-lhes estacas e alisaram a terra. Quando as videiras estiverem desenvolvidas, os nossos rapazes apanharão os cachos para comer, porque elas darão uva de mesa.

ÁRVORES — O «Beijana» andou a plantar limoeiros e macieiras por detrás do novo bar. No passeio dos quartos novos plantou uma tileira, ficando agora uma fila de sete tileiras nesse passeio.

João Paulo

BENGUELA

FIM DO ANO LECTIVO — O ano lectivo chegou ao fim e as pautas finais já saíram. Graças a Deus alguns tiveram um final feliz porque passaram. Outros, tiveram a infelicidade de reprovar. Talvez no próximo ano se esforcem mais e passem também de classe.

FÉRIAS — Com o final do ano lectivo chegaram as férias e nós estamos a desfrutá-las muito bem. Temos ido à praia, praticado desportos, etc. Está a ser muito divertido.

NATAL — Estamos a preparar bem o nosso maravilhoso Natal, porque queremos que seja uma festa muito bonita, colorida e decorada. Além de

festejarmos o Natal como sendo o dia do nascimento do nosso Salvador, também celebramo-lo como sendo uma festa da família. Estas duas realidades é que fazem com que o Natal seja uma grande festa. Há a tradição de trocar presentes, gesto muito bonito e agradável porque por meio dele mostramos o nosso afecto, o amor e a estima pela pessoa que presenteadamos.

DESPORTO — Neste período de férias decidimos organizar um campeonato de futebol salão, cá entre nós. De momento não está a correr nada bem porque a organização está a falhar e não está a cumprir o seu papel. Por isso, os jogos não correm num clima de paz e harmonia. Oxalá os próximos corram melhor depois desta pausa que estamos a ter, devido às quadras festivas.

A.M.S.

MIRANDA DO CORVO

NATAL — Nesta quadra, em que em todas as casas há alegria, também a nossa se encheu dela, pois nasceu Jesus! O Menino nascido da Virgem Santa Maria, há 2003 anos, ainda hoje dá Luz aos nossos corações — e com mais intensidade no dia do Seu nascimento.

Para celebrar a vinda do nosso Salvador, realizou-se o tradicional jantar com batatas e bacalhau. A seguir, a «Missa do Galo» que, apesar de muito tarde, até os mais novos conseguiram permanecer acordados durante a celebração que foi bastante animada pelos rapazes e por muitas outras pessoas amigas, rezando e cantando.

No dia 25 foram distribuídas as prendas de Natal, oferecidas por pessoas amigas de todo o País. Destacamos, em particular, as que a presidente da Câmara Municipal veio, pessoalmente, entregar aos rapazes mais velhos. Mas, a melhor prenda para a maioria dos rapazes foi, a seguir ao Natal, poderem ir passar alguns dias, na passagem de ano, com as suas famílias.

Dos muitos que foram, só o Hermínio não regressou! Era um rapaz com poucas capacidades, mas a tirar um curso de cozinheiro, na APPCDM, em Coimbra. Lá, gostavam muito dele; e nós ficámos com pena da sua situação.

VISITAS — Recebemos algumas pessoas de Albergaria-a-Velha, já antes do Natal. Este pequeno grupo de Amigos, vem com alguma frequência e, de todas as vezes, trazem-nos merenda «reforçada».

Recebemos, também, a visita de dois grupos de Escuteiros, um de Leiria e outro da Pampilhosa.

SETÚBAL

Do que é que os rapazes mais precisam?

FREQUENTEMENTE nos perguntam: — Do que é que vocês mais precisam? — A resposta é invariável, e pode ser dada da seguinte forma...

Todos os dias de semana, os nossos rapazes têm hora de estudo. Muitos deles têm dificuldades de ordem intelectual ou emocional, o que lhes perturba a concentração e os impede de fazer uma escolaridade dita normal.

— Precisamos de alguém que se ponha ao lado deles e caminhe com eles na aprendizagem escolar.

Todos os dias os rapazes precisam de alguém que os acompanhe à mesa, que veja se eles estão a alimentar-se convenientemente. A conversa, a preguiça, o não gosto disto, a bola que já rola na sua imaginação, entre outras razões, não deixam espaço para criar hábitos equilibrados na alimentação.

— Precisamos de alguém que os vá observando e chegando, isto e aquilo, para junto do prato.

Todos os dias os rapazes precisam de alguém que os lembre que são dota-

dos de espírito, que é preciso alimentarem-se nas fontes da Vida. Facilmente o espírito fica embotado e o corpo assume-se como se só ele existisse.

— Precisamos de alguém que reze com eles, os ajude a parar e a reflectir na dimensão mais elevada do ser humano, a que dá o verdadeiro sentido da vida.

Todos os dias os rapazes precisam de alguém que, à noite, os deite no leito, lhes dê a confiança do repouso, no aconchego do calor humano familiar de uma família que perdura enquanto eles precisarem. Um dia cheio de actividades já não é suficiente; também é precisa a estabilidade emocional que resulta de referências humanas, o autêntico selo de garantia que vence todos os medos.

— Precisamos de alguém que cuide da cama e do quarto deles, e permaneça no espírito da criança como garantia, para o presente e para o futuro.

Nem todos os dias os nossos rapazes têm problemas e necessidades espe-

ciais a satisfazer e a resolver. Quando existem, é preciso alguém que satisfaça estas e arbitre aqueles, pois o jogo sem árbitro é impossível ser jogado com êxito. É o exercício da misericórdia e da justiça para os quais precisamos de alguém que se disponha a fazê-lo com imparcialidade e amor.

Há quem nos diga que nós precisamos de técnicos na nossa Casa: psicólogos, assistentes sociais, animadores... — Técnicos...

Se eles forem capazes de viver em família com os rapazes, necessariamente vinte e quatro horas por dia no meio deles, esquecendo, por isso, as suas digníssimas pessoas e os seus muito dignos interesses, bens e a própria família, só podemos dizer — venham!

Se eles não se dispuserem a tanto, então talvez sejas tu, que te tens por homem ou mulher de pouca monta, quem nós precisamos para que, morrendo para ti mesmo(a), possas, como o trigo imerso na terra, dar muito fruto.

Padre Júlio

A Opinião Pública

Continuação da página 1

exercício de valores. Há outras metas a perseguir que não apenas as do universo financeiro. Onde a explicação do ressurgir de uma Alemanha e de um Japão derrotados em 1945, senão na garra dos seus Povos? Sem a compreensão e o sacrifício deles que poderiam ter feito os seus governantes no sentido de metas maravilhosas que tão depressa alcançaram?

O Valor dos valores é sempre o homem e nós vivemos em tempo de desumanização. A «máquina» que os homens criaram, tornou-se cavalo que tomou o freio nos dentes e o próprio dono aparece incapaz de o dominar. A era tecnológica transforma o instrumento em senhorio poderoso que embriaga o homem e o faz perder o sentido de si mesmo, de gestor investido por Deus de toda a Criação.

É um tempo de homens pequenos, que actualiza a postura do Filósofo de lanterna

acesa em pleno dia à procura de um Homem no meio da multidão. Na verdade, a gente levanta os olhos em redor, em circunferências de imensos diâmetros — e não vê quem seja capaz e queira guiar este regresso ao senso do Bem Comum, em que a prosperidade material tem o seu lugar, sim, mas pela disciplina de egoísmos cegos e de interesses desmedidos que fazem do homem lobo do homem — a deformação plena do seu rosto verdadeiro.

Estes pensamentos que me sobem à cabeça em catadupa a partir de um coração preocupado, não são de pessimismo. Quando a Fé e a Esperança estão presentes, não pode estar o pessimismo. São desabafos dirigidos ao Povo que lê O GAIATO, o qual contém em si e em conjunto a todo o Povo, a tal reserva de Bom Senso que não deve ficar entesourado sempre que, por défice dele, o estado da Nação precisa desta voz activa que se chama Opinião Pública.

Padre Carlos

não terem onde ganhar dinheiro, trabalhar ou adquirir algum sustento para si e a sua família. Verdadeiros dramas sem solução à vista!...

Hoje, Domingo de manhã, veio ter comigo uma senhora dos seus trinta e tal anos.

É a terceira vez que, em três dias, bate à porta à minha procura. Debulhada em lágrimas. Não tem que comer. O marido está com baixa há vários meses e recebe 42 contos. Ela não tem aonde ganhar. Três filhos. A renda da casa são 200 euros mensais e o senhorio, homem abastado, não se dói. «Se não pagar, ponho-a na rua que há muita gente a quem arrendar a casa».

Dois meses atrasados são 400 euros, a dívida na mercearia e padaria, 599,15 euros. A empregada Maria José escreve num bloco sem timbre. «Não posso continuar a fiar. Não tenho autorização do patrão». E assina.

Come, bebe, passeia e regala-te. Faz tudo o que quiseres. Se não te doeres dos Pobres poderás ganhar o mundo todo. Tudo seja teu, que não será tua a Eternidade.

Ainda ontem paguei uma renda de 200 euros e outra de 150 e mais 70 para governo imediato e a requisição de um ror de receitas caras, outra dívida da mercearia, mais água e luz doutra Pobre — foram mais de 1000 euros.

Que seria desta gente se não fosse a Obra da Rua? E o que se passará longe das nossas portas?

Padre Acílio

Participaram connosco na Eucaristia. No fim, descarregaram a camioneta, cheia de mercearia e outras coisas úteis para a nossa Casa. No final, realizou-se uma competição desportiva de futebol.

OFERTAS — Recebemos uma quantidade de vários tipos de *hamburgueses*, almôndegas, rissóis e pastéis de bacalhau, oferecidos pela Jomascari, de Coimbra, a que pertence a D. Prazeres, nossa Amiga.

TROPA — O Zé Carlos, um rapaz dos mais velhos, no dia 5 de Janeiro, foi para a tropa, em Leiria. Está em Artilharia e só pode vir a Casa nos fins-de-semana. Esperamos que, lá, tenha uma boa estada.

ANIMAIS — O nosso cão, «farrusco», morreu. Mas já temos um outro que se chama «faísca»! É da mesma raça do «farrusco» e tão pequeno e bonito que parece uma bola de pelo.

Adriano

MOMENTOS

Pobres

HOJE ninguém utiliza este termo.

Para o mundo actual Pobre é uma palavra desprezível. Até alguns jornais e revistas católicas preferem o termo *desfavorecido*.

Então? — Hoje não há Pobres. É a ilusão que o mundo põe no pensamento e no coração de tanta gente.

Como não há Pobres, toca a fazer dos nossos bens o que nos apetece, pois vivemos num tempo rico.

Acontece ao vocábulo Pobre o mesmo que ao

Caridade. Já vamos ouvindo falar e escrever a palavra Caridade e, até pôr de lado, como desajustada à acção cristã, a ideia de solidariedade, tão estéril de conteúdo como de expressão.

Dizem as estatísticas que em Portugal há cerca de dois milhões de Pobres. Antes de vir para o Norte, julgava um pouco exagerado o número. Hoje, não. Os Pobres são realmente muitos. E não é só a pobreza filha da miséria, do mau governo e da preguiça. Não. É mesmo a situação real das pessoas

DOCTRINA



*Nós desafinamos.
Não entramos
nas harmonias do século.*

«ESTA Doutrina não é minha» — assim dizia, naquele tempo, o Missionário do Padre Eterno — «é do Pai Celeste». Por isso mesmo é que os auditórios ficavam suspensos ao escutá-lo e uma vez que O quiseram prender, como mandassem para isso homens, estes regressaram sem Ele: — «Nunca nenhum homem assim falou!» A prova de que esta Doutrina não é nossa, está nisto que dizemos: sem preparação especial, sem ir ver como outros fazem, temos feito e dito totalmente diferente e causado nas almas uma revolução sem par. É o Pai Celeste!

NÓS desafinamos. Não entramos nas harmonias do mundo. Basta dizer que nas Constituições dos Padres da Rua se lê: «O Padre da Rua não aceita, não persuade, nem sequer insinua a outros deixas de mão morta. Também não deve guardar valores de outros, nem aconselhar, nem dirimir questões entre parentes por amor das heranças. Deus não nos chama por este caminho». Não é esta, afinal, a Doutrina de Jesus, ainda que as palavras sejam nossas? Pró que veja-se: «Vede as aves do céu e os lírios dos campos, que não semeando nem tecendo, têm tudo o que precisam e vestem-se de gala.» É o Pai Celeste.

POR via dela, vão os leitores encontrar neste livro riquezas que os outros não tiveram: cartas. Cartas dos assinantes. Muitas são as que recebemos e não publicamos. Muitas as que temos publicado e não transitamos aqui. Mas as que aparecem são documentos de vitalidade perene da Doutrina de Jesus. Classes. Categorias. Idades. Política. Sexos. Os descontentes. Os afastados. Os contra. Os a favor. Todos à uma e cada um em seu estilo, afirmam que «nunca nenhum homem assim falou». É por isso mesmo que, em outro lugar das Constituições, se lê: «Aquele a quem Deus deu o talento de escrever, escreva como quem reza. Prepare-se como quem vai falar de Deus». O que importa é que Ele reine.

D. Amén. 5.1

(Do livro *Doutrina* — 1.º vol.)

TRIBUNA de Coimbra

Continuação da página 1

casal amigo, feliz, tornou-se assinante d'O GAIATO.

Em geral esta admiração acontece com todos aqueles que nos visitam. Julgamos que tem na sua base os fundamentos antropológicos em que assenta a pedagogia da Casa do Gaiato: a Família. Os valores morais e religiosos, a aproximação ao molde da família, pautada pela espontaneidade das relações pessoais, pela participação e co-responsabilidade, configuram na consciência dos rapazes este sentido de pertença; de quem está no que é seu e lhe pertence. Esta percepção comove os visitantes e levamos a admirar e a distinguir.

De facto o rapaz é o centro. Ele é o sujeito do encontro que se estabelece sem mais predicados. Um sujeito dotado de responsabilidade e autonomia; que está no que é seu, por direito próprio. Não é um assistido nem um asilado, nem tolera que assim o considerem. Assim fosse entendido nas «altas esferas», habitualmente prisioneiras de elucubrções mentais sem provas dadas nem experiência adquirida. O testemunho de milhares de cidadãos nossos, esse povo anónimo de saber feito na esteira da vida, chega mais facilmente à compreensão destas coisas e à sua distinção. É o caso destes visitantes.

Padre João



Grupo dos catequistas da Casa do Gaiato de Benguela.

BENGUELA

Família alargada

VAI chegar a hora, mas não sei quando. O dia em que o doente incurável, abandonado, sem família, tenha o seu lar, vai despontar. Não sei quando. Oíço o seu clamor no meio da solidão e da imundície. Vive à mistura com o lixo, mas não é lixo. É pessoa como eu e como tu. Leva a tua dignidade e os mesmos direitos. E, se tens Fé, é membro da tua família, porque teu irmão e meu irmão. Não se pode ficar indiferente diante da injustiça que nos bate à porta.

Angola, tão dilacerada pela guerra que passou, tão marcada pelo ódio e pela violência que semearam ruínas nas estruturas e nas pessoas, com o património físico e humano duramente ferido e, em parte, destruído — Angola precisa de fogueiras de humanidade alimentadas pelo fogo puro da Caridade. Quem nos dera ver realizado o sonho duma casa para o doente incurável, sem eira nem beira!

Falo na imagem da fogueira porque, à volta dela, se juntam as pessoas para conviver e celebrar a amizade e a unidade. E assim, creio, em toda a parte; mas, em Angola, tem um jeito especial. A festa da reconciliação é alimentada pelos gestos de impacto social muito forte. Acredito na eficácia de tudo o que é feito na gratuidade do amor. Por isso, as obras que estão destinadas a ser grandes começam a ser construídas no silêncio do coração. Como o grão de mostarda, a mais pequenina das sementes, dá a planta onde vêm abrigar-se as «aves do céu», assim a fogueira pequenina na dimensão e quantidade, posta na nossa Casa do doente incurável abandonado. É um sonho que estou a partilhar convosco.

Olho em volta e ao longe e não vejo o que quer que seja neste sentido. Deixai-me, contudo, cantar convosco um hino de louvor àquelas famílias que, na sua pobreza extrema, levam com ternura o doente incurável que não tem

lugar no hospital, já que não há esperança de cura. Ficam com ele como a parte mais querida da família.

Tenho feito referência a um dos valores humanos muito típico da cultura africana: a família alargada. Sobretudo no que toca aos filhos que perderam os pais, a família nuclear, este valor humano é duma importância decisiva para o futuro dos filhos. Ontem, por exemplo, fui procurado por duas pessoas a interceder pelo internamento em nossa Casa de duas crianças. Têm sido muito frequentes os pedidos, neste início do ano lectivo. Depois de conversarmos, entenderam maravilhosa e pacificamente que a sorte das duas crianças está ligada para sempre à família representada pelos dois tios ali presentes. Quem dera não se perca tamanha riqueza humana, tão duramente atingida pela guerra! O mesmo se diga do doente incurável, em primeiro lugar.

Queremos continuar a trabalhar com as famílias que não têm o mínimo necessário para que se sintam animadas a cuidar dos filhos doentes, em suas casas, e não venham a cair na tentação de os deixar na rua, abandonados. Há dias, um grupo de mães, com a alegria de terem passado de classe no projecto da alfabetização, pediu um prémio. Nos papéis que escreveram puseram o que queriam. Umas pediam um colchão e cama, que dormiam no chão com os filhos; outras, chapas para cobrir o quarto onde dormiam; outras, ainda, um fogão para cozinhar; quero que seja o pai para os meus filhos e o meu amparo, dizia outra que não tem marido e vive da nossa ajuda. Que pedidos tão humanos e necessários! Vamos dar-lhes o que pedem. É tão fácil fazer os pobres felizes, que o são de verdade. Por esta via querem estudar sempre mais.

Fomos caminhando do doente incurável abandonado para a família que deve ser o lugar privilegiado da sua morada. Onde falta o lar natural, busquemos a casa onde possa respirar o ambiente familiar,

Padre Manuel António

Novo livro

Continuação da página 1

autor — inicia, executa e observa a sua obra, é de grande valor pedagógico, sobretudo hoje em que as leis e as soluções nascidas em gabinetes estão a dar um mau resultado evidente, polémica que geram e o sofrimento que acarretam àqueles que em contacto com a realidade social, têm nas mãos, a mesma obra.

Os padres da rua, não aparecem como teóricos nem como gestores, antes pelo contrário, detêm uma prática educativa e uma clara consciência de que fazem o seu trabalho e educam melhor que qualquer técnico portador dos maiores graus académicos. Educar com amor pujante da vida dada gratuitamente.

Outras facetas da personalidade riquíssima do Padre Américo são evidenciadas neste magnífico livro que é a primeira parte de uma tese de doutoramento.

Está no prelo e sairá, logo que possível, um outro capítulo da mesma tese dedicado ao valor do método educativo das Casas do Gaiato, hoje tão contestado pelos técnicos e teóricos da Educação Social e da integração na vida de cada jovem que teve a infelicidade de perder ou nascer sem família.

Este sim. Será da nossa Editorial e pô-lo-emos nas mãos do Leitor daqui a pouco tempo.

Padre Acílio

PENSAMENTO

Só a Humildade conquista.

PAI AMÉRICO

ENCONTROS em Lisboa

Continuação da página 1

Dia 13 — Comissão de Protecção de Crianças e Jovens — 14 e 12 anos respectivamente. Diagnóstico: Negligência continuada grave. São os próprios menores que cansados de promessas pedem uma Instituição. Resposta: Não há vaga e mais uma vez a idade que avança...

Dia 14 — Fax da Segurança Social. Dois irmãos, um de 12 e outro de 7 anos que andaram do pai para a mãe e novamente para o pai e acabaram por parar em casa de amigos do pai que

não se disponibilizaram para eles. Tudo foi regulado no Tribunal de Menores sobre poder paternal: visitas, férias, sustento, etc. Afinal pedem uma Instituição. Resposta: Não há vaga.

Dia 15 — Chamada de um Lar de Crianças e Jovens. Só têm crianças até aos 12 anos e este já fez 13. Não pode continuar ali apesar de ser a sua casa desde os 6 ou 7 anos. Como é? Será que não se percebe que uma criança cresce, precisa de ter raízes e mundo relacional? Aos 12 anos... Resposta: Não há vaga.

Dia 16 — Comissão de

Estatuto Editorial d'O GAIATO

Para darmos cumprimento ao preceituado na Lei de Imprensa, efectuamos nesta edição a publicação anual do Estatuto Editorial d'O GAIATO:

1. O GAIATO nasceu da fome e sede de Justiça que consumiu o seu Fundador — paixão que ele mitigou, contagiando muitos de idêntica fome e sede. Assim, deixou expressa a sua vontade relativamente ao mote e ao modo de o comunicar.
2. «O século de agora anda esquecido. Os Pobres constituem encargo indesejável. Ora Deus quer que pela nossa oração e acção se indique ao mundo o caminho da Verdade.»
3. «Pela força e crédito dos seus escritos, defendam os direitos e levem os homens a reconhecer e a respeitar o Pobre.»
4. «Aquele a quem Nosso Senhor deu o talento de escrever, escreva como quem reza. Prepare-se como quem vai falar de Deus. Só desta forma corresponde e faz valer o dom.»
5. «No seu periódico O GAIATO e em outras edições, não peçam nem aceitem propostas de anúncios sobre assuntos do século. Todo o espaço e todo o tempo é pouco para revelar Cristo às almas.»
6. «Também não aceitem colaboração de estranhos, ainda que homens de saber e de virtude. Dê-se, sim, preferência ao Rapaz, que por isso se educa e revela, fazendo bem às almas dos que lerem.»
7. «Não sejam solícitos em pôr a preço os jornais ou edições que saem dos nossos pretos. É melhor deixar tudo à generosidade espontânea de cada um.»
8. Tal se procura cumprir na «fragilidade das nossas misérias».
9. Por recomendação do Instituto da Comunicação Social, acrescentamos ao velho Estatuto Editorial o compromisso de se «respeitar os princípios deontológicos da Imprensa e a ética profissional (...), e não abusar da boa fé dos leitores, encobrindo ou deturpando a informação».

Protecção de Crianças e Jovens apresenta-me dois jovens de 13 anos. Pouca escolaridade, agregados familiares desestruturados em que não se conseguem impor regras... Resposta: Não há vaga.

Dia 21 — Para um rapaz de 11 anos a Comissão de Protecção de Crianças e Jovens pede acolhimento. São vários irmãos. Os mais novos encontraram acolhimento numa Instituição, mas este andou dos pais para a avó, da avó para a tia, da tia para o pai e novamente do pai para a ti. Escolaridade diminuta e violento para os colegas tendo motivado um abaixo-assinado dos pais para ele ser posto fora. Porque o não recebem na Instituição aonde estão os irmãos? Já muito grande... Resposta: Não há vaga.

Escrevo numa altura em que o mês ainda não acabou. Não sei se terei de continuar o diário. Face a este

meu diário e confrontado com os discursos oficiais, tento conter-me nesta dor que só quem anda por estes lados e conhece o desenrolar dos «filmes da vida real» é capaz de compreender. No entanto, balbucio algumas perguntas:

— Que políticas de prevenção são implementadas? — Não andaremos aqui a adiar soluções iludindo-nos com muita teoria e pouca prática? — Será que quem está lá em cima sabe o que se passa na base? — Ou será que a base não informa quem está lá em cima com medo que a carreira vá por água abaixo? — Ou será que quem está lá em cima funciona como a avestruz metendo a cabeça debaixo da areia para não ver?

No meio disto tudo há muita dor e muito futuro comprometido... Infelizmente, as vítimas de tudo isto acabam por desaparecer, incapazes de fazer ouvir o seu grito.

Padre Manuel Cristóvão